**Semana de Arte Moderna de 1922**

Evento que marcou para sempre a literatura brasileira e as artes em geral, a Semana de Arte Moderna ajudou a divulgar e a solidificar os ideais modernistas.

Você conhece a história da **Semana de Arte Moderna de 1922**? Evento que marcou para sempre a arte brasileira, a Semana fez parte das festividades em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Foi considerada como a primeira manifestação coletiva pública na história cultural de nosso país a favor de um espírito novo e moderno que contrariasse a arte tradicional de teor conservador que predominava no Brasil desde o século XIX.

A Semana de Arte Moderna foi realizada entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. O festival contou com uma exposição com cerca de 100 obras de diversos artistas plásticos, entre eles os pintores Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Ferrignac, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aita, Yan de Almeida Prado e Antônio Paim Vieira. A programação musical trazia composições de Villa-Lobos e Debussy, interpretadas por Guiomar Novaes e Ernani Braga, entre outros, e três sessões lítero-musicais noturnas, que tiveram a participação dos literatos e escritores Graça Aranha, Guilherme de Almeida, [Mário de Andrade](https://brasilescola.uol.com.br/literatura/mario-andrade-1.htm), Menotti Del Picchia, [Oswald de Andrade](https://brasilescola.uol.com.br/literatura/oswald-andrade.htm), Renato de Almeida, Ronald de Carvalho, Tácito de Almeida, além de Manuel Bandeira, que, por motivos de saúde, não compareceu à Semana, mas enviou o poema Os Sapos, lido por Ronald de Carvalho na segunda noite do evento.

Aliás, a leitura do poema de [Manuel Bandeira](https://brasilescola.uol.com.br/literatura/manuel-bandeira.htm) foi considerada como o principal momento da Semana. Com seus versos explicitamente provocativos e polêmicos, Os sapos teceu uma crítica aos parnasianos, grupo que ainda dominava o gosto do público brasileiro. Por esse motivo, o poema foi lido sob protestos da plateia, que reagiu por meio de vaias e gritos, comoção exagerada que acabou interrompendo a sessão.

|  |  |
| --- | --- |
| **Os Sapos**Enfunando os papos, Saem da penumbra, Aos pulos, os sapos. A luz os deslumbra. Em ronco que aterra, Berra o sapo-boi: - "Meu pai foi à guerra!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!". O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: - "Meu cancioneiroÉ bem martelado. Vede como primo Em comer os hiatos! Que arte! E nunca rimo Os termos cognatos. O meu verso é bom Frumento sem joio. Faço rimas com Consoantes de apoio. Vai por cinquenta anos Que lhes dei a norma: Reduzi sem danos A fôrmas a forma. Clame a saparia Em críticas céticas:Não há mais poesia, Mas há artes poéticas..."  | Urra o sapo-boi: - "Meu pai foi rei!"- "Foi!" - "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!". Brada em um assomo O sapo-tanoeiro: - A grande arte é como Lavor de joalheiro. Ou bem de estatuário. Tudo quanto é belo, Tudo quanto é vário, Canta no martelo". Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe), Falam pelas tripas, - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!". Longe dessa grita, Lá onde mais densa A noite infinita Veste a sombra imensa; Lá, fugido ao mundo, Sem glória, sem fé, No perau profundo E solitário, é Que soluças tu, Transido de frio, Sapo-cururu Da beira do rio...**Manuel Bandeira** |



Com ideais diametralmente opostos ao [Parnasianismo](https://brasilescola.uol.com.br/literatura/parnasianismo-no-brasil.htm), que prezava a objetividade temática, o culto à forma, a impessoalidade e a “arte pela arte”, os modernistas recusavam a arte tradicional e propunham alinhamento com toda produção artística moderna, sobretudo um alinhamento com as vanguardas europeias – Cubismo, [Futurismo](https://brasilescola.uol.com.br/artes/futurismo.htm), Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo. Tantas inovações em um contexto ultraconservador, no que dizia respeito às artes, naturalmente não seriam bem-vistas, um dos motivos que abafaram a divulgação do evento. A Semana de Arte Moderna não alcançou grande repercussão à época, não merecendo mais do que poucas colunas nos principais jornais de São Paulo, contudo, sua importância histórica foi devidamente reconhecida com o passar dos anos.

Embora não houvesse um projeto artístico em comum que unisse as várias tendências de renovação apresentadas durante a Semana de Arte Moderna de 1922, havia, porém, um mesmo desejo que agregava os artistas: o de combater a arte tradicional. O evento não foi propriamente um acontecimento construtivo de propostas e criação de novas linguagens, mas sim um acontecimento organizado para expor a rejeição ao conservadorismo vigente na produção literária, musical e visual brasileira na segunda década do século XX. Conforme dito por Mário de Andrade em uma conferência realizada em 1942 por ocasião dos vinte anos da Semana de Arte Moderna de 1922, “o [**Modernismo**](https://brasilescola.uol.com.br/literatura/o-modernismo-no-brasil.htm), no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional”. Essa ruptura drástica proposta pelos primeiros modernistas abriu caminhos para outros escritores e influenciou significamente toda a literatura produzida não só durante o século XX, mas também a literatura contemporânea.